



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTEÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SECULO, 40 LISBOA

## Sempre noiva



*A abandonada, depois da restituição da trança e das cartas.*

*— Quem é que quer casar com a carochinha... definitivamente.?*

## PALESTRA AMENA

## O novo ministerio

Estamos satisfeitos com o novo ministerio, pela simples razão de que todos os ministerios nos satisfazem exuberantemente. Partimos do principio—e nada até hoje nos tem provado a semrazão d'esta partida—de que para os logares de tamanha responsabilidade como são os de ministros, não se escolhem senão capacidades muito comprovadas, as primeiras figuras da politica. Supôr por um momento, que a escolha não se baseasse na comprovação de tais facultades, que obedecessem ao acaso ou a criterio contrario, seria pôr em duvida o bom senso de quem escolhe, equivalendo a aceitar o absurdo.

Posto isto, a nossa confiança absoluta nos homens que ha uma semana dirigem os serviços publicos, não nos restando a minima duvida de que todas as questões pendentes serão resolvidas pelo melhor, em curto praso—chovendo maná, surgindo carvão á flôr da terra—pedimos licença para notar que, para as necessidades, as pastas existentes não são ainda em numero sufficiente. Lá fóra, nos paizes beligerantes principalmente, tem-se criado novos ministerios por motivo da guerra, enquanto que entre nós se julgou bastante a criação de um só, com evidente prejuizo dos serviços publicos, diluidos por varias partes com risco de desaparecerem pela rarefação, e com prejuizo tambem das pessoas desempregadas e ha longos tempos anciosas por um pequeno logar á pobre e despida mesa do orçamento.

Veem estas considerações a pugnar pela criação d'um ministerio, que poderia denominar-se Ministerio do Disparate, cuja missão não teria menos importancia do que a dos restantes. Teria como objectivo congrega todos os elementos dispersos em materia desvario, ordena-las, classifica-las, aproveita-las, estabelecendo para o disparate leis, normas, preceitos, de modo a não dar a estranhos a ideia de que o paiz é como uma carroça em que as bestas—perdõe-se-nos a imagem—puxam cada uma para seu lado, até ao completo desconjuntamento do veículo.

Cada cabeça, cada sentença. Ha cabeças que entendem que não deviamos tomar parte na guerra, outras que sim, outras que sim e que não; ha cabeças que resolveriam o problema dos transportes em tres minutos; outras que se propõem equilibrar a balança do comercio em poucos segundos; outras que resolvem o problema colonial em quanto o diabo esfrega um olho, outras...

Ora, as pessoas a quem se confia o poder são, nas respétivas especialidade, incontestavelmente as que sobre os milhares de problemas assim apresentados tem as idéas mais seguras e dispõem de melhores meios de solução; mas falta uma que seja uma especie de repositório do que sobre, depois da distribuição pelas outras pas-

tas, que é muito, que é enorme, que é tudo, como se vê dos fracos resultados que tem dado a boa governação das partes já concentradas.

E' urgente o ministerio do Disparate, repetimos, quando não ou as sabedorias que por aí pululam se transformam em necessidades pelo desespero, e não haverá remedio senão recolhe-las em hospícios de alienados, ou os despeitados, porque os desaproveitam, emigram e vão animar e engrandecer outros povos, não deixando á ingrata patria nem a posse dos ossos das suas gloriosas pessoas.

Bem sabemos que haverá dificuldade em encontrar quem aceite as responsabilidades da nova pasta. Mas—que diabo!—para um sacrificio cá estamos nós, com alguma competencia no assunto, embora á nossa modestia fique mal a afirmação.

Podemos ir fazendo a farda de ministro do Disparate?

J. Neutral.

## Medidas de aprovar

Por motivo da guerra tem-se dado factos realmente extraordinarios, sem explicação visivel, mas outros que na verdade são justificadissimos, como a supressão dos vagon-leitos nos comboios da Companhia dos Caminhos de Ferro.

Está claro que é difficil explicar, por exemplo, o motivo por que os electricos recolhem uma hora antes do fim dos espêtaculos; porque—como muito bem notou um alto vulto democratico n'uma recente reunião politica—o gasto de



luz, depois das oito horas da noite, é prejudicial em qualquer estabelecimento publico menos nas tabernas; etc.

Mas, quanto áquella medida de suprimir os vagon-leitos, ninguém a deve condenar.

Quem viaja em vagon-leito? Os ricos, os que comem muito, os homens gordos, de muito peso, por consequencia, que só podem ser transportados á força de carvão.

Aí é que bate o ponto. Economisa-se combustivel.

## Parentes de guerra

Muito louvamos as damas que se dignam tomar sob a sua protecção os valentes que longe se batem pela gloria da sua terra e pelo bem da humanidade, mas pedimos licença para notar que n'isto, como em tudo, o exagero pode prejudicar as boas intenções.

Temos presente uma carta de certo *poilu* em que nos diz que já lhe appareceram cinco madrinhas de guerra, seis padrinhos, oito pais, dez sogras, nove

esposas e vinte e dois filhos. Tudo isto de guerra, isto é, pessoas que não são nada, nem da agua nem do sal, ao dito *poilu*, mas que por dô d'ele se lhe tem oferecido como parentes, a fim de que o infeliz tenha a alegre



ilusão de que se encontra constantemente rodeado de familia.

Desde já as leitoras ficam sabendo que quando algum dos redactores do *Século Comico* fôr para a guerra, (o que não tardará, porque estão quasi na ida-de militar), é com gratidão que se prestatam a ser afilhados de vossas excelencias. Dispensam, porém, as sogras—por mais simpaticas que sejam.

Os *boches* dão-lhes perfeitamente a impressão de que estão lidando com elas.

## DE FÓRA

## Madrinhas de guerra

Nesta guerra actual—terrivel dança, Para quem luta na primeira linha. A chegada mensal de uma cartinha E' assim como um *irls* de boiança.

Se eu chegar a entrar na contradaança, Hel-de arranjar, tambem uma madrinha Que seja nova, rica, bonitinha E me escreva noticias para França.

All quem me dêra já entrar na guerra, Afrontar os canhões e a propria morte, Bater os alemães de serra em serra.

Só para que a alegria me conforte Supondo que ha alguém na minha terra Que se interessa pela minha sorte!

Bramão de Almeida.

## Anjo de caridade

Vê-se que a caridade official não desapareceu com o antigo regime. Os imperantes foram-se, mas as azas de anjo com que de vez em quando se enfeitavam para armar á popularidade, ficaram no espolio, carunchosas, tortas, quebradas, mas podendo ainda ser atarrachadas a dorsos caridosos, dan-



do, a quem as use o aspecto de anjos papudos.

O diabo é que, vistos de perto, os anjos não passam de avejões e reconhece-se facilmente que as azas são postições e velhas.

Mau sistema e pessimos resultados!

**Manecas ministro**

Aos que nos interrogam ácerca das razões que levariam o nosso talentoso colaborador sr. Manecas a não aceitar ainda desta vez uma pasta ministerial, temos a dizer que o ilustre manecão anda atualmente empenhado na descoberta e no castigo da quadrilha do celebre bandido *Nariz de Folha*, tendo resolvido dedicar todas as suas atenções a este momentoso assunto, de preferência até aos serviços publicos. Lá chegará ao logar de ministro—quando não tiver nada que fazer ou quando as suas faculdades estiverem tão atrofiadas por excesso de trabalho que necessitem de repouso. Então tomará conta da pasta do trabalho.

**Até as barbas!**

Anuncia-se já a proxima elevação do preço das barbas, o que significa o termos de ir pondo as barbas de mólho para esportularmos vários centavos, além dos habituais, pela fatigante tarefa de nos raparem os queixos.

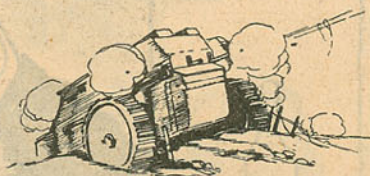
Justifica-se esse aumento? Decerto que sim.

O estado de guerra, que traz toda a gente em sobresalto, não faz excção para os barbeiros. E' naturalissimo que, ao barbear alguém, não se interrompa a nervosidade que a todos domina e precisem de fazer um enorme esforço sobre si proprios para não degolarem o freguez.

Ora, não é justo que esse esforço se pague?

Tambem, seria a unica classe que não aproveitasse a guerra para vender

**EM FOCO**



**O Tank**

O cavalo de Troia era um mosquito  
Ao pé do monstro, formidando invento,  
Que, vomitando fogo, n'um momento  
Em pó transforma o exercito maldito.

Quasi incomensuravel, infinito,  
Quando se põe em marcha, pachorrento,  
Treme o globo no proprio fundamento,  
Entorta-se o seu eixo um bocadito...

O kaiser, que é sujeito destemido,  
Embora não figure de robusto,  
Sonhou que por um d'elles foi colhido,

E ao despertar notou, sem muito custo,  
Que realmente estava reduzido  
A' pasta de Cambrova, pelo susto!

BELMIRO.

a nossa terra, que muitos tem por pequena mas que tão grande foi, é e ha de ser.

Criaturas de pouca fé: leiam Rebelo da Silva, leiam os mestres...

**Graça alheia**

No fotografo. Marido e mulher, recém-casados, vão tirar um grupo.

A noiva, vendo a prova:  
—Crédo! Que mal tirado! Meu marido parece um macaco!

O fotografo:  
—Antes de casar é que v. ex.<sup>a</sup> devia ter feito essa observação...

As criadas. \* \* \*  
A D. Genoveva ajustou uma nova criada, por anuncio. O marido está presente.

D. Genoveva:  
—Creia que se ha-de dar bem, menina. Eu sou pouco exigente.  
—Isso percebi eu logo.  
—Percebeu?! porquê?  
—Bastou-me olhar para o seu marido.

O espirito dos bebados. \* \* \*  
Um policia, para um transeunte que caminha aos bordos:  
—Venha comigo para a esquadra.  
—Por quê?  
—Porque está bebado.  
—Não estou tal.  
—Não está? então diga-me lá onde móra.

O taxado, tentando em vão recordar-se:  
—Não sei.  
—Vê? logo, está bebado.  
Este, parando de repente:  
—Olhe lá, ó camarada: onde é que eu móro?  
O policia, admirado:  
—Não sei.  
—Não? então tambem vossê está bebado!

**Enigma**

Vamos na corrente. O tempo vai para enigmas, é moda apresentar charadas, entreter o publico com perguntas sibilinas.

Bom. Na persuasão de que os leitores do *Seculo Comico* estejam tambem mortinhos por que lhes experimentemos a agudeza de espirito e visto que a pergunta tem flagrante oportunidade pelo tempo que vamos atravessando, tenham a bondade de dizer o que significa a seguinte expressão popular: *A quantos de Maio deu á luz Portalegre?*

Quem a explicar satisfatoriamente obterá, como prêmio, a honra de ser cantado na secção *Em Foco*, com a competente caricatura.



**Bocage e os medicos**

(Continuação)

XXVI

Certo enfermo, homem sisudo,  
Deixou por condescendencia  
Chamar um doutor, que tinha  
Entre os mais a preferencia.

Manda-lhe o fôfo Esculapio  
Que bote a lingua de fóra,  
E envia dez garatujas  
A' botica sem demora.

—Com isto, diz ao doente,  
A sepultura lhe tapo.  
Replica o pobre a tremer:  
—Aposto que não escapo.

XXVII

Um filosofo enfermou.  
Não tinha mal de perigo  
Mas sofreu a medicina  
Para agradar a um amigo.

Consentiu que receitasse  
Hipocratico impostor,  
E logo para um criado  
Disse, brando e sem tremor:

—Não deixe lá na botica  
Esse amargo fruto do erro;  
Inda tem mais serventia;  
Supre os escritos do enterro.

XXVIII

Quiz inda fresca viuva  
Casar, mas tinha esquecido  
No alfarrabio dos enterros  
Pôr o enterro do marido.

—Leve este papel ao cura,  
Lhe aconselha um maganão.  
Era excelente receita  
Das que importam n'um milhão.

—Padre, diz ela, entregando  
O papel que se lhe deu,  
O meu homem tomou isto...  
Torna o cura.—Então morreu.

(Continua).



caro os seus serviços. Os moços de esquina, por exemplo, já pelos recados que lhes mandam fazer cobram um imposto suplementar, de guerra, alegando a falta de subsistências.

—Como?  
Sim, senhores; dizem eles que andam fraquissimos e por consequencia palmilham o caminho e transportam carregos com muito mais dificuldade do que antigamente. De aí, o suplemento.

E' pagar e não bufar.

**livros, livrinhos e livrecos**

**Odio velho não cança**, de L. A. Rebelo da Silva.—E' ainda uma grande consolação para o espirito a leitura dos mestres, d'uns homens que odiavam a banalidade e que escreviam em português de lei. Aprende-se constantemente nos livros d'esses homens, pelo que só merece elogios quem os edita—no caso presente o sr. Miranda e Sousa. Aprende-se, sobretudo, a amar

# MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

2.ª PARTE

1.º EPISODIO

## O "yankee" misterioso

(CONTINUAÇÃO)



1.—O Quim, como passados 3 dias não recebesse notícias do portentoso mano, resolve partir para o teatro das operações.

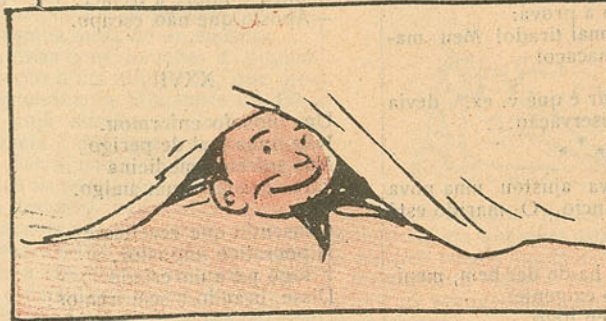
2.—Distarçado em yankee, apela-se do comboio e logo lhe indica hotel o falso corretor e terrível bandido Nariz de Folha.



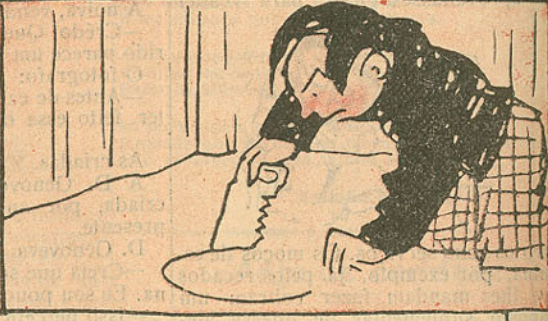
3.—Quando se encontra jantando pancadas misteriosas no sobrado indicam-lhe, na sua linguagem convencional, que o Manecas pede socorro.



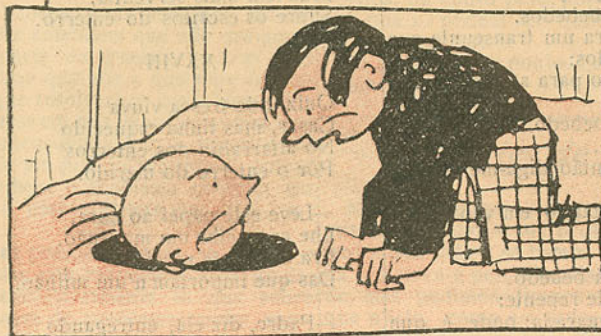
4.—E' efetivamente o Manecas fazendo funcionar o seu maravilhoso invento da telegrafia sem fios, apenas com um pau batendo no teto.



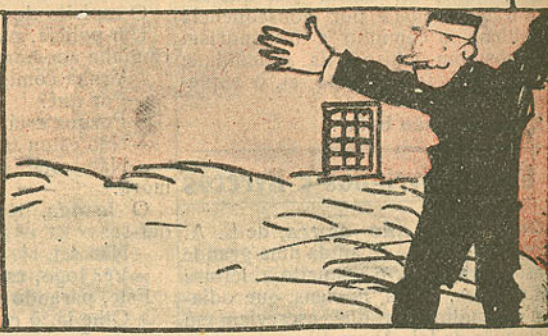
5.—Subtilmente o Quim (que umas vezes põe para, outras vezes a tira, para desnortear) mete-se debaixo da meza...



6.—... e entrega-se ao espinhoso trabalho de praticar um buraco com a broca que nunca o larga nas suas expedições aventurosas.!



7.—De aí a momentos surge a cabeça talentosa do Manecas, salvo, finalmente, do suplício da massorra



8.—e quando o Nariz de Folha lá entra, encontra vazia e fica com o nariz á banda!